







direção ao arquétipo; e, por fim, revela o ser, revela o deus, apresentando-se como uma história sagrada.

É extremamente importante para o imaginário coletivo a existência dos mitos, porque eles fornecem, segundo Eliade (1991, p. 22), os modelos de conduta humana, conferindo significação e valor à existência. Os mitos revelam que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história, e que essa história é significativa, preciosa e exemplar. Compreender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais não significa apenas elucidar uma história do pensamento humano, mas entender melhor a categoria de nossos contemporâneos.

Segundo Sevcenko, *apud* Brunel (1988, p. XXVV), o mito só adquire existência a partir do momento em que é vivido. Ele existe por ser, não para ser. A literatura é hoje a fonte a partir da qual os mitos se fertilizam, brotam, da qual fluem e invadem as almas. Ela é a grande Lira de Orfeu para o homem contemporâneo. Ela nos conduzirá para a vitalidade dos inícios, de onde o poeta proclama: *O mito é o nada que é tudo*.

Por isso, a partir do que foi exposto, este livro propõe espaços entrelaçados, em sentido simbólico, por um percurso de conteúdos imaginários partilhados pelo povo lusitano ao longo dos séculos, por meio de sua riqueza histórica e cultural da nação, entre os polos da história, da memória e da identidade (nacional) Uma literatura que pode, muitas vezes, trazer referências que se misturam e se conjugam nas tessituras do texto literário e nas narrativas míticas.

O objetivo primordial do dossiê *Literatura e Mito: história, memória e identidade* é apresentar as relações entre literatura e mito, estabelecendo como escopo de abordagem as reconfigurações dos mitos nas produções oriundas da literatura portuguesa, ou que tragam explicitamente um diálogo entre obras emergidas da cultura portuguesa em diálogo com outras produções e expressões artísticas de diversas e diferentes culturas. Os campos de investigação, apresentados nos capítulos selecionados para integrar o presente livro, demonstram muitos e variados percursos de observação do material escolhido para compor cada um deles. As pesquisas e os estudos consistem em entender de que modo os mitos e as obras literárias lusitanas podem ser lidos e reconfigurados, bem como o sentido que podem assumir ao transitarem entre os polos da história, da memória e da identidade. Este dossiê está organizado em dezessete artigos, estruturados em quatro temas, a saber: Diálogos com o mito

moderno; Releituras do mito inesiano; Identidade e memória; Mitos clássicos e reconfigurações

No âmbito do primeiro enquadramento temático, Diálogos com o mito moderno, o artigo que abre o dossiê, de autoria de Antônio da Silva Júnior, intitulado *Uma leitura de O Evangelho segundo Jesus Cristo, de José Saramago, à luz da alegoria do anjo da história, de Walter Benjamin*, analisa o romance saramaguiano, destacando a consolidação de uma poética dessacralizadora do mito cristão, por meio de recursos linguísticos como intertextualidade, ironia e paródia. Explorando trechos da narrativa, o estudo baseia-se numa abordagem formalista de Chklóvski e Todorov, incorporando conceitos de História e alegoria de Walter Benjamin. Nesse estudo, o romance é interpretado como uma obra aberta, em sintonia com o *ethos* da Literatura e das Artes do século XX.

Em *Utopia e Quinto Império em Antônio Vieira*, Roberto Nunes Bittencourt realiza um estudo a respeito de Antônio Vieira, centrando-se especificamente no livro *História do Futuro*. O estudo aponta características que revelam um autor que rompe com o estilo barroco tradicional, afastando-se do cultismo e inovando em aspectos fundamentais. Dessa forma, o trabalho identifica, por meio da análise dessa obra, marcas importantes na produção artística de Vieira, evidenciando a idealização do Quinto Império português como um reflexo do pensamento epocal.

Por sua vez, Pedro Martins Cruz propõe, em *Um Satanás Pelintra: um exercício de leitura do mito fáustico n'Os Maias, de Eça de Queirós*, um exercício de leitura de *Os Maias*, de Eça de Queirós, investigando as características do mito fáustico que se presentificam no romance, como o desejo pelo conhecimento, a contenda com o saber estabelecido e o controle do próprio destino. Dividido em três partes, o texto aborda a trajetória do mito fáustico até sua recepção em Portugal no século XIX, examinando sua propriedade em outras obras de Queirós, como *Mefistófeles* e *O primo Basílio*, contextualizando *Os Maias* dentro do projeto literário *Cenas Portuguesas*.

Enfim, *Camões e os ingleses: a mitificação da Inglaterra em Os lusíadas*, de Luiz Eduardo Oliveira, encerra o ciclo temático do mito moderno. No artigo, Oliveira incumbe-se da tarefa de investigar a representação dos ingleses n'Os *lusíadas*, objetivando identificar os motivos e referenciais históricos que levaram Camões a mitificar positivamente a Inglaterra. A partir dos pressupostos conceituais de mitos e representações (Burkert,

1991; Eliade, 2000; Chartier, 2002), a análise se concentra no episódio lendário dos “Doze de Inglaterra”, na épica camoniana, explorando como esse processo de mitificação, integrado à narrativa de origem do reino e do povo português, se configura discursivamente.

O segundo bloco temático, a versar acerca do mito inesiano, abre-se com o artigo de autoria de Leonardo Zuccaro: *Sentimentos de D. Pedro e D. Inês de Castro e o seu contexto codicológico e bibliográfico*. Essa obra é atribuída a Manuel de Azevedo Morato, poeta português que vicejou durante a segunda metade do século XVII. A partir da análise de aspectos estruturais e retóricos do poema e da remissão às estrofes que tratam do mito inesiano n’*Os lusíadas*, o autor discute o sentimento da saudade, confrontando-o com outros poemas do período que tratam da mesma temática.

Em *Intertextualidade mitológica presente no episódio de Inês de Castro, transcrito na epopeia camoniana*, Michael Jones Botelho empreende uma análise interpretativa do episódio de Inês de Castro, presente em *Os lusíadas*, de Luís de Camões. Sob a óptica da intertextualidade, o autor traz à tona as três referências mitológicas presentes no canto – Rainha Semíramis, juntamente com os irmãos Rômulo e Remo, Polixena e Aquiles e, por fim, os irmãos Tiestes e Atreu. Assim, aproxima o episódio camoniano das tragédias clássicas.

O artigo *Mito e recriação literária: uma leitura do romance Inês de Castro (2006)*, de María Pilar Queralt del Hierro, de Simone dos Santos Alves Ferreira, se propõe a verificar como o mito a respeito da história de Inês de Castro é relido no romance de María Pilar Queralt del Hierro. Para tanto, a autora vale-se das contribuições teóricas de autores como Mircea Eliade (2006) e Victor Jabouille (1994). A ideia é evidenciar como a narrativa em pauta faz reviver o mito de amor entre Inês e Pedro I, trazendo outros olhares acerca dos episódios que mitificaram os amantes.

Já Fernando de Moraes Gebra, em *O mito inesiano e a geração de Orpheu*, explora o conceito de mito a partir da ideia de uma construção literária, inaugurada por Fernão Lopes. Depois de discutir a questão, fazendo alusão à iconografia inesiana, o artigo debruça-se em poemas de Ângelo de Lima e Alfredo Guisado, além de focar um esboço de um drama estático de Fernando Pessoa, que dialogam com o mito inesiano.

O terceiro bloco temático é composto por artigos que, ao tratarem de questões relacionados ao mito, estabelecem relações diretas ou indiretas

com Identidade e Memória. Assim, o primeiro artigo a compor esse componente intitula-se *Memória, identidade e alteridade em A máquina de fazer espanhóis, de Valter Hugo Mãe*, de autoria de Cristiane Corsini Lourenção. No artigo, a autora analisa as relações dialógicas entre memória, identidade e alteridade no romance em pauta, sob a óptica dos conceitos postulados por Mikhail Bakhtin. A base analítica em torno do dialogismo revela como as relações históricas e a memória moldam as personagens, enquanto as interações dialógicas operam como zonas de tensão e conflito, contribuindo para o sentido do texto na literatura contemporânea.

Em *Questões de identidade e de território, em O retorno*, de Dulce Maria Cardoso, Patrícia Names examina questões de identidade e território na narrativa da autora portuguesa, centrando-se na experiência de Rui, um adolescente obrigado a deixar Luanda devido à guerra civil angolana. O estudo enfatiza os dilemas identitários vivenciados pelo jovem retornado, que enfrenta em Portugal a desconexão com sua terra natal e a busca por uma nova identidade, em face das memórias afetivas e territórios do passado africano como elementos fundamentais na formação dessa nova identidade.

O artigo de Renata de Oliveira Klipel, *As Quaybyrycas como possibilidade de descolonização por dentro*, investiga como o Estado Novo em Portugal (1933-1974) utilizou elementos culturais, como a figura de Luís de Camões e d'*Os lusíadas*, para fortalecer valores e moldar um ideal de sociedade. Em contraponto a essa apropriação, Antônio Quadros escreveu *As Quaybyrycas*, uma continuação fictícia do épico camoniano, com o intuito de desassociar Camões dos valores imperialistas do Estado Novo. Klipel propõe uma análise dessa obra, destacando como ela promove um movimento de descolonização a partir do interior da cultura portuguesa.

Rosilene Aparecida Froes Santos, por sua vez, em *Tempo e memória: constituição do sujeito em A cidade de Ulisses*, analisa os mecanismos da memória que são basilares para a constituição do sujeito na pós-modernidade, utilizando, para tanto, o romance de Teolinda Gersão. A pesquisa parte da ideia de que ambas, memória individual e coletiva, influenciam a construção do sujeito por meio de processos de rememoração, envolvendo mito, imaginário e ficção. O artigo ora apresentado baseia-se nos pressupostos teóricos de Le Goff (1990) e Stuart

Hall (2021), investigando como esses elementos impactam não apenas a identidade individual e territorial, mas a própria realidade humana.

No artigo *Queda do paraíso e o arquétipo temporal do tédio*, a seu turno, Larissa Fonseca e Silva trata da relação entre o mito da Queda do Paraíso e o tédio na modernidade, considerando-os elementos constitutivos da identidade ocidental, por meio da análise do romance *Campo de sangue*, de Dulce Maria Cardoso. Fonseca e Silva discute em seu artigo como o protagonista da narrativa projeta-se como um representante do “estar-no-mundo” do homem ocidental, contribuindo para a compreensão do sujeito contemporâneo.

O artigo *Eurico, o presbítero nos cursos de literatura de cônego Fernandes Pinheiro e Sotero dos Reis: ensino de literatura, identidade e memória cultural*, de Luís Fernando Portela, toma como objeto de análise a obra *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano, nas produções didáticas de história da literatura do Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (*Curso Elementar de Literatura Nacional*) e de Francisco Sotero dos Reis (*Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira*). O intuito é realizar uma leitura crítica dessa produção historiográfica como espaço de constituição de memória cultural e afirmação da nacionalidade literária, em constante tensão com a herança cultural portuguesa no cenário das letras brasileiras da segunda metade do século XIX. A contribuição do artigo reside sobretudo na discussão pedagógica trazida à tona, sustentada por pesquisas historiográficas a respeito da leitura, do livro didático e do ensino de literatura no Brasil do século XIX.

Por fim, o último componente do dossiê, a versar acerca dos Mitos Clássicos e reconfigurações, traz à baila três artigos. O primeiro deles, *A presença do mito de Narciso em três sonetos camonianos*, de Taynnã de Camargo Santos, investiga a presença do mito de Narciso em três sonetos camonianos: “Tanto de meu estado me acho incerto”; “Transforma-se o amador na cousa amada” e “Dizei, Senhora, da Beleza ideia”. A análise dos elementos desses poemas e a comparação com os mitemas narcísicos revelam possíveis alusões ao mito. Essas referências incluem associações diretas com o texto do fundador de Ovídio, em *Metamorfoses*, e associações indiretas, como referências à obra de Francesco Petrarca, um autor entusiasta da tradição greco-romana, tal qual Camões.

*Recepção do mito greco-romano em o Juramento dos Numes (1813)*, de Gastão Fausto da Camara Coutinho é o segundo artigo que compõe a tríade.

Nele, Renato Cândido da Silva examina o libreto “O juramento dos Numes”, representado no Real Teatro de S. João, em 1813. Em seu texto, Silva evidencia as diversas referências à mitologia da antiguidade clássica, com destaque para as personagens Vulcano e Vênus, além de estabelecer, como escopo central do estudo, a análise da recepção do mito greco-romano e a relação entre mito e história, especialmente no contexto do exílio da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro.

Por fim, Marcelo Jucá traz à tona um estudo da lírica de Sophia de Mello Brayner Andresen em *Repetir, retornar, recalcular a poética mitológica de Sophia de Mello*, enfocando-a no conceito psicanalítico da reprodução. Para Jucá, os mitos gregos, presentes de forma proeminente na obra de poeta portuguesa, podem ser considerados mais do que simples inspirações iniciais, tornando-se elementos recorrentes. Assim, segundo a análise levada a efeito no artigo, a repetição, central na teoria psicanalítica da clínica da cultura, é explorada como tema fundamental, estabelecendo, em seu retorno, diálogos com a contemporaneidade.

A expectativa das organizadoras e dos autores reunidos neste dossiê é, pois, fornecer elementos oriundos de cada especialidade para compor e colaborar com material da Literatura Portuguesa e dos estudos a respeito dos mitos literários, formando um exemplário e assunto de reflexão, a fim de contribuir com os ricos e polimórficos debates contemporâneos em torno de questões que possam estabelecer como escopo de abordagem as reconfigurações dos mitos nas produções oriundas da literatura portuguesa. E que tragam explicitamente um diálogo entre obras emergidas da cultura portuguesa em diálogo com outras produções e expressões artísticas de diversas e diferentes culturas. Investidos por tal expectativa, mergulhemos no universo mítico e literário de temas e abordagens que este dossiê abrirá a cada leitor!

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BARTHES, Roland. *Mythologies*. Paris: Éditions du Seuil, 1957.
- BRUNEL, Pierre. (org.) *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Sussekind et alii. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- CRUZ, Gastão (org.). *Quinze poetas Portugueses do Século XX*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Tradução de Pola Civelli. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

Licença: 

Elaine Cristina Prado dos Santos

Professora do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutora, mestra e graduada em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo e graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Contato: [elainecristina.santos@mackenzie.br](mailto:elainecristina.santos@mackenzie.br)

: <https://orcid.org/0000-0002-2886-8245>